



O NOVO FANGUEIRO

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

EDITORIAL

TODOS sabemos que Fão era, nos fins do século passado e nos princípios deste, a freguesia do concelho que mais se distinguiu pelo seu desenvolvimento. Hoje, porém, as coisas já não são assim. Frases como «Fão parou no tempo» ou «Fão deixou-se ultrapassar» são já consensuais ou pacíficas.

DIÁSPORA FANGUEIRA: UMA FATALIDADE?

Fão envelheceu como se pode ler no bem elaborado estudo de natureza sócio-económica e habitacional levado a cabo pelo Gabinete Técnico Local sobre o núcleo histórico de Fão e que em síntese foi publicado em «Esposende/revista» de Dezembro de 1994. Nesta zona existem 350 fogos, mas cerca de 30% dos edifícios estão desabitados. Verifica-se por isso uma *baixa densidade habitacional e envelhecimento da população*. Com efeito, existe *uma maior percentagem da população com idade superior a 50 anos* e um *reduzido número de população jovem e infantil*.

Isto aconteceu porquê? Poderíamos afirmar que Fão começou a morrer na década de trinta, quando desapareceram os estaleiros aqui sediados. Foi a fábrica de tintas, foram as oficinas de serralharia, de pregos, e todas as outras actividades correlacionadas.

Mais importante que isso parece-nos ter sido o apogeu alcançado pela terra fangueira. Alguns jovens pertencentes a famílias mais «limpinhas», com estudos ou não, procuraram ocupações compatíveis com o seu estatuto e por isso tiveram que se ausentar. Quando muito apareciam cá no fim de semana. Certas famílias, muitas, ausentavam-se na totalidade. Com a democratização do ensino, os mais jovens inscreveram-se nas escolas secundárias e superiores, o que os obriga a ter de procurar emprego fora da terra. É certo que alguns deles vem cá passar o fim de semana, mas outros só aparecem de mês a mês e muitos apenas no Senhor de Fão e nos Fieis Defuntos. Entretanto casam-se, os filhos têm que estudar e assim vão ficando por lá. É a diáspora fangueira.

Como anular esta evasão ou desertificação? Bem, o que está a acontecer com os fangueiros vai suceder com as demais

(Continua na pág. 2)

O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

ANTÓNIO VILACHÃ DOS REIS

Em termos de hierarquia administrativa do concelho, trata-se do conterrâneo que atingiu o tope da carreira. Ocupou com efeito a cadeira da Presidência da Câmara de Esposende desde 1889 a 1892. Esta nomeação, dado o antagonismo visceral existente, desde os primórdios, entre Fão e Esposende, revela o prestígio de que disfrutava, quer na sua terra natal, quer no concelho. Claro que na vila vizinha tinha os seus inimigos, aquilo a que poderemos chamar hoje de *núcleo duro* que a cada passo, e a propósito às vezes de nada, tentavam beliscar a sua magistratura, como aliás se pôde verificar no último número do nosso jornal.

Não sabemos de outro conterrâneo que tivesse exercido tais funções, o que não significa que isso não tenha acontecido. António Vilachã era proprietário e um homem de respeito e a sua chamada ao cadeirão municipal radica, quanto a nós, na eficiência e dedicação demonstrados nos cargos exercidos na sua terra. Pertenceu à geração do Prior Lourenço Viana, do dr. Augusto Moreira Pinto, de António Veiga da Silva, de Amorim Campos e de outros que verdadeiramente revolucionaram Fão a caminho do futuro. Estamos a lembrar a ponte sobre o Cávado, a construção da Avenida dr. Manoel Pais, o Club Fãozende, o edifício das escolas, tudo obras notáveis que foi possível realizarem-se por nessa altura existir em Fão uma pleiade notável de cidadãos fangueiros. (Chamamos fangueiro a todo o indivíduo que tenha residência na terra). António Vilachã Pinheiro foi um desses notáveis.

Revelam-nos os documentos do tempo, que Carlos Mariz tem compulsado com desvelo e paciência beneditina, que o nosso perfil de hoje exerceu as funções de regedor pelo menos em 1886. Tal desempenho, na altura, recaía em pessoas que impunham respeito e consideração.

Naquele tempo havia um grupo de pessoas idóneas que a convite da Junta de Paróquia tomava assento nas respectivas reuniões para ajudar a autarquia em casos de maior melindre ou de maior responsabilidade. Eram uma espécie de Conselho de Estado. E assim sabemos que António Vilachã, em 21 de Dezembro de 1879, tomou parte, por convite, de uma reunião da Junta de Paróquia com o fim de se estudar o meio de alargamento do cemitério. Igualmente o seu nome aparece noutra reunião da Junta, realizada em 17 de Fevereiro de 1882, com o fim de se deliberar se se devia enviar uma representação às autoridades competentes com objectivo de se evitar que a ponte, a construir sobre o Cávado, fosse erguida fora de Fão.

Parece-nos que a Junta do tempo tinha neste fangueiro um esteio de monta. Era uma pessoa de bom trato e assim em 1888 faz parte de uma comissão, nomeada pela autarquia, com o fim de angariar fundos para a construção da estrada do mar. O seu feitio persuasivo e a consideração em que era tido pelos conterrâneos não escapavam igualmente à Câmara e assim a edilidade, em 1890, nomeia uma comissão de fangueiros constituída exactamente por Vilachã dos Reis e ainda pelo dr.

(Continua na pág. 2)

I SEMINÁRIO DE NEONATOLOGIA

Nos dias 19 e 20 de Janeiro realizou-se na Aula Magna da Faculdade de Medicina do Porto o 1.º Seminário de Neonatologia. A Neonatologia é uma das áreas da Pediatria que mais se tem desenvolvido nos últimos anos. O aperfeiçoamento tecnológico tem permitido salvar recém-nascidos de idades gestacionais cada vez mais jovens, o que determina atitudes adequadas na assistência a estes doentes.

Com a criação de Unidades de Cuidados Intensivos Neonatais (UCIN), tem-se verificado uma diminuição considerável na mortalidade neonatal. Durante o seminário foi possível partilhar conhecimentos e experiências científicas entre as várias UCIN do país e também procurar conhecer as tecnologias estrangeiras de diagnóstico mais actuais nesta área, nomeadamente a «Avaliação por Doppler das alterações da Circulação Cerebral» e o «Valor prognóstico do EEG do recém-nascido».

Estiveram presentes 235 congressis-



Doutora Maria Hercília Ferreira Guimarães Areias saudando os congressistas

tas, tanto nacionais como estrangeiros.

A Presidente da Comissão organizadora deste Seminário foi a nossa conterrânea Doutora Maria Hercília Ferreira Guimarães Areias do Hospital de S. João, que para honra e proveito nosso faz parte também do corpo clínico do Hospital de Fão.

ANTÓNIO VILACHÃ DOS REIS

(Continuado da pág. 1)

Moreira Pinto e Manuel Dias dos Santos Borda, com o fim de auxiliar a Junta numa expropriação a efectuar na rua da Boavista, com vista a obter-se uma saída para o mar. Em 6 de Novembro de 1893 é escolhido para presidir à Comissão da estrada do mar que, como se sabe, foi construída a expensas de António Veiga da Silva.

Digamos que o bairrismo de António Vilachã Pinheiro era realizador. Assim, vemos o seu nome integrado na Comissão de Festas do Bom Jesus desde 1880 a 1886. Igualmente encontramos na relação dos fundadores do Club Fãozense o nome de A. Vilachã Pinheiro com quatro acções compradas no valor de 20\$000.

Na sua presidência (da Câmara) foi aprovada, em 28 de Maio de 1892 a planta da torre da nossa igreja matriz. Em 17 de Dezembro de 1892 preside à sessão da Câmara em que é abordada a hipótese da criação da Comarca de Esposende. Em 1893 o Conselheiro José Novais, Governador Civil de Braga e o Administrador do concelho, Azevedo Magalhães utilizam os préstimos de Vilachã dos Reis, para convencerem Manuel Dias dos Santos Borda e José Maria Soares Estanislau a cederem terrenos necessários à construção da estrada do mar. O mesmo grupo de personalidades intervém ainda na compra, cedência e expropriação de outras casas e terrenos para o mesmo fim. Pelos vistos a estrada que hoje chamamos Avenida António Veiga deu muito que fazer aos responsáveis de então.

Do que nos rezam os documentos coevos, concluiu-se que António Vilachã Pinheiro, homem honrado e prestante cidadão, trabalhou afincadamente para o bem da terra e de tal modo se impôs aos seus contemporâneos que o escolheram para ocupar posições de destaque e de responsabilidade.

EDITORIAL

(Continuado da pág. 1)

freguesias do concelho. Só que paradoxalmente Fão tomou a dianteira por ser a mais avançada. O remédio está na abertura de postos de trabalho. Fábricas? Também, mas não só. Faltam-nos jovens criativos que assumam a função de empresários, embora no sector têxtil e turístico tenham sido abertos alguns estabelecimentos. Mas o que se tem feito não basta para evitar a diáspora. Desde sempre. Será uma fatalidade?

**Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão**

RECORDAÇÕES DE INFÂNCIA

CACADA DE CARNAVAL

Ao aproximar-se mais um Carnaval, vem-me à memória um episódio que ficou gravado na tela das minhas recordações.

Antigamente, em quase todas as casas, havia sempre cântaros de barro para salgar as sardinhas, e curtir as azeitonas, que se consumiam ao longo do ano. E quando se furava algum cântaro, não se deitava fora; guardava-se para ser utilizado nas brincadeiras de Carnaval.

As inesquecíveis **cacadas**. A minha recordação transporta-me para aquela noite de Entrudo, quando estávamos a fazer a ceia. Minha mãe e minha irmã disseram uma à outra: «Temos ali um cântaro velho, vamos deitar uma cacada a casa da prima Ana Vicenta?» E se bem o pensaram, melhor o fizeram.

Naquele tempo a gente tinha sempre a porta da rua aberta. Só se fechavam as portas quando nos íamos deitar.

Na casa das primas Vicentas havia, para além da porta da rua que se encontrava aberta, uma porta intermédia ao fim do corredor de entrada. Então, enquanto as batatas se coziam, lá foram elas e eu também, muito sorrateiras, atirar com o cântaro para dentro da casa das primas.

O susto que elas apanharam...

Fugimos a correr para não descobrirem os autores da gracinha, pois o sucesso da partida estava associado ao desconhecimento do seu mentor. Quem seria?

O caminho de regresso também era curto. A casa das Vicentas, era a casa onde mora hoje a Lai Lai e a nossa era na Rua da Cruz, pegada à casa do sr. Agonia. Portanto, foi só atravessar a Cangosta das Clarinhas e o Largo do Fontes e já estávamos em casa.

Ainda não tínhamos acabado de rir, felizes e contentes pelo bom êxito da nossa brincadeira, ainda não tinha passado meia hora e eis que de repente um estrondo enorme estremeceu a nossa casa toda. Uma cacada mesmo nas nossas escadas e nas nossas barbas, santo Deus!... Que susto! Não vimos quem foi mas, claro, suposemos que foram as primas Vicentas que nos vieram pagar na mesma moeda.

Lá diz o ditado: «não terias do mal do teu vizinho que o teu vem pelo caminho!»...

A gente dessa época levava uma vida monótona. Não havia rádios, muito menos vídeos, televisões, discotecas. Então as brincadeiras de Carnaval eram um brinquedo muito desejado.

Eram as partidas e os bailes nos clubes e na casa das Maias que (moravam onde mora hoje a Zaira Fraca); porém, esses bailes não eram para toda a gente. Eu ainda era uma menininha de uns 7 anos, mas ficou-me para sempre gravada na memória esse susto de Carnaval.

Ainda bem que esse costume acabou.

Quem sofresse do coração, morria de susto...

Então, Cremilde (para nós eras a Mimi) e tu, Iracema (Cê Cê), ainda vos lembrais desta história? Talvez não! Já lá vão tantos anos... E tu, Vina?

Fui tantas vezes brincar com o Nizo para o quintal da avó Joana... que ainda está igual ao que era... Apenas mais abandonado.

Que saudades desse tempo de menina. Ó! Pudera eu rever esses amigos da minha meninice...

Quanto mais os anos avançam, mais a gente se lembra dos tempos vividos de quando era criança. Têm o fascínio de uma coisa que se afasta de nós, que a gente queria voltar a ter e sabe que nunca, nunca, mais volta.

MARIA ROSÁLIA

HONRA AO MÉRITO GASTRONÓMICO

O dr. Gonçalo Reis Torgal, componente do grupo gastronómico Panela ao Lume subcreve uma página em «O Comércio do Porto» que tem o mesmo nome do grupo. O dito agrupamento, que come bem e bebe melhor, apresenta anualmente uma classificação gastronómica que tem por título «os mais de 1900 e...». Ora na lista deste ano, entre os 10 primeiros classificados, vem mencionado um prato fangueiro: Folhadinhos de Fão da Rita Fangueira. E num artigo todo dedicado a este restaurante onde se diz bem de quase tudo (só não gosta dos execráveis guardanapos) tece todo um bino de louvor a esta casa de Fão. Olhem só: «O que é verdadeiramente notável na Rita Fangueira»: as sobremesas de onde me permito pôr em destaque os Folhadinhos com Doce de Ovos — os célebres Folhadinhos de Fão; as Clarinhas de Fão, as Sogras (noz e amêndoa) o Toucinho do Céu e um espantoso Morgado que nem no Algarve se come». Parabéns D. Tininha.



ESPOSENDE

Por ARTUR L. COSTA

DESPORTOS NÁUTICOS: PASSADO E FUTURO

No rebuscar constante de apontamentos onde se fixaram alguns factos relevantes, da história recente de Esposende, encontramos a foto da equipa de jovens que retomou uma das tradições mais queridas da nossa gente: o remo.

A foto regista a primeira equipa de remo que em 1940 recebeu o yolle de mer, 4 remos, destinado à aprendizagem, à prática e às competições do centro da Mocidade Portuguesa de Esposende. Era dirigente e responsável o professor Carlos Martins e os tripulantes: Bento Lopes da Costa, Manuel Nunes Beirão, Manuel Gonçalves Ferreira e João Ferreira (Café) ausente no Brasil.



Bento Costa, Manuel Beirão, Prof. Carlos Martins, Manuel Ferreira (Americano) e João Ferreira (Café)

Depois da extinção do Clube Fluvial, a Mocidade Portuguesa (injustamente acusada e espoliada dos bens morais e materiais), onde a juventude da época de 1940 encontrou a sua formação de Homens de Amanhã — de hoje — dedicou-se com exemplar cuidado à prática dos ensinamentos recebidos.

O desporto, basicamente o remo, repetiu alguns dos melhores dias de tempos passados, fez chegar bem longe o nome de Esposende.

CRIANÇA MALTRATADA POR JOVEM DE COR

A consternação e a revolta foi uma constante quando vieram a público os maus tratos dados a uma criança esposendense, de 7 anos, orfã que num fim de tarde fora considerada desaparecida.

Depois de imensas buscas, as suspeitas recaíram sobre um jovem africano em serviço na pista de carros eléctricos. Veio a ser encontrado com a menina, esta em deplorável estado físico, sendo internada no Hospital de Barcelos, para intervenção cirúrgica, a fim de ser reconstituída devido aos maus tratos sofridos.

O energúmeno, depois de preso pela GNR do Posto de Esposende, foi presente ao Juiz de Instrução Criminal, tendo recolhido à Cadeia para aí aguardar julgamento.

MOVIMENTO DEMOGRÁFICO ANUAL

No decorrer do ano findo, segundo ele-

A vela, outra modalidade náutica que alcançou um título nacional por João Ramos Santamarinha, emigrante no Brasil, além dos bons resultados de João Eduardo Pinto da Costa, a residir no Porto, degradou-se e veio a ser extinto no 25 de Abril de 1974.

Futuramente, como serão estas modalidades, se considerarmos que nada existe em Esposende, tudo foi extinto, barcos roubados, canoas armazenadas na lota, sem dirigentes...

mentos fornecidos pela Paróquia de Santa Maria dos Anjos, 1994 registou o seguinte movimento demográfico: baptismos - 56; casamentos - 21; óbitos - 23.

Curiosamente, há trezentos anos o movimento foi o seguinte: baptismos - 19; casamentos - 8; óbitos - 15.

De salientar que, no ano de 1698, a população deveria ser de cerca de 1000 pessoas e 300 fogos. Neste ano, o movimento demográfico foi de: baptizados - 31; casamentos - 10; e de 13 óbitos. Comparativamente com 1994, as diferenças são bem significativas. Todavia, a população de Esposende é de quatro vezes mais, permitindo uma análise profunda sobre o comportamento da população.

BOMBEIROS VOLUNTÁRIOS EM PRESTAÇÃO DE CONTAS — SALDO DE GERÊNCIA NO VALOR DE 19 MIL CONTOS

No último fim de semana, 28 de Janeiro, a Associação Humanitária dos Bombeiros

Voluntários de Esposende reuniu em Assembleia Geral, com uma agenda extensa e com assuntos de bastante interesse, com eleições dos Corpos Sociais para o período de 1995/97.

A conta da Gerência apresenta um saldo positivo real, de 19 mil contos, já cativo e destinado à aquisição de viatura todo terreno, tipo florestal, com a participação de 7500 contos pelo Serviço Nacional de Bombeiros. Foi adquirida uma nova ambulância que substituiu a recentemente acidentada e um barco pneumático com motor incorporado, para missões de socorros a naufragos.

O ambiente em que decorreu a reunião foi propício à solução dos problemas apresentados e, também, à resolução das propostas da Direcção, que foram as seguintes: nova cota e jóia que passaram, respectivamente, para 1200\$00/ano e de 100\$00, considerando-se baixo o seu valor; início de campanha de angariação de sócios colectivos, com valor de cota ao critério do interessado; os gráficos e os índices apurados pelo movimento do Corpo de Bombeiros, durante o ano de 1994.

Outro dos pontos considerados de muito interesse: acto eleitoral dos Corpos Sociais.

É de tradição o consenso quanto à lista dos dirigentes a eleger, sem margem para disputas. Por isso, considerando que o Presidente da Direcção da Federação Distrital dos Bombeiros de Braga, ainda tem dois anos para terminar o respectivo mandato, a lista proposta não sofreu alterações, sendo eleita pela totalidade dos votos: Presidente da Assembleia Geral — Dr. Francisco Brás Marques; Direcção, Presidente — Dr. Agostinho Pinto Teixeira; Conselho Fiscal, Presidente — Dr. Abílio Teixeira da Silva.

No final, por aclamação, foram concedidos votos de louvor à Direcção, ao Corpo de Bombeiros, Comando e Adjuntos.

«NAS CER DE NOVO» EM ANIVERSÁRIO

Entrou no 16.º ano de publicação o nosso colega «Nascer de Novo», propriedade do Arciprestado de Esposende, sendo Director Mons. Manuel Baptista de Sousa.

No Editorial da última edição, onde «não há bolos, nem festa, nem jantar de parabéns», pretende que, é sua missão, a continuidade de «sermos fiéis ao estatuto Editorial, como necessário de âmbito regional...» e levar aos paroquianos a mensagem e os acontecimentos mais relevantes.

Desejamos muitas felicidades na caminhada para o futuro.

MONSENHOR BAPTISTA DE SOUSA

Foi submetido a melindrosa intervenção cirúrgica, Mons. Baptista de Sousa, pároco de Esposende, na Casa de Saúde da Boavista, Porto, encontrando-se bem e em convalescença.

Desejamos ao ilustre sacerdote as rápidas melhoras e restabelecimento de saúde.

A LAMPREIA ATRAVÉS DOS TEMPOS

Podemos comparar os «bons velhos tempos» com o «modus vivendi» dos finais do século XX, desde as comunidades até aos custos de vida.

A lampreia, desde tempos remotos teve o seu valor nos mercados. Recordam-se as caminhadas das vendeadoras do pescado, que incluía a lampreia, calcorreando os caminhos para chegar bem cedo a Barcelos, Póvoa de Varzim, Braga, e a outras localidades.

(Continua na pág. 4)

(Continuado da pág. 3)

Em 1916, a primeira lampreia apanhada no rio Cávado valeu 1000 réis, de acordo com uma notícia publicada pelo «O Esposende». Já em 1945, o primeiro exemplar foi vendido por 30\$00, noticiou o semanário «O Cávado».

Segundo Belarmino A. Ribeiro, em 1945, o movimento da lampreia foi de 3013 exemplares capturados e as vendas renderam 38.691\$00. Sobre este valor incidiram: o dízimo, a entregar ao Estado, no valor de 3.212\$35; e, para a Câmara Municipal de Esposende — 1.160\$73; O I.S.N. recebeu 1.867\$70.

Citaremos, por curiosidade, o valor da primeira lampreia em: 1972 — 60\$00; 1978 — 900\$00 e, num salto para 1987, encontramos os seguintes valores: a 1.ª lampreia foi vendida por 7.200\$00; em 1989 7.500\$00; em 1990 — 10 contos, sendo o contemplado o Paulo Fá; em 1992, já valeu 12 contos e, em 1995, uma valeu 8 contos, em Fão e, a de Esposende, 10 contos.

Sabemos que, em tempos idos, ao pescador de Esposende, tal como ao de Fão, a época da lampreia trazia bons proventos, fazendo equilibrar a vida de maleitas que só o verão encobria.

ALTO MINHO EM PROMOÇÃO VIDEO

Nas instalações de Santiago da Barra, Viana do Castelo, o Presidente da Região de Turismo do alto Minho, em que Esposende está integrado, teve lugar a apresentação dos vídeos promocionais da região.

A divulgação e valorização das potencialidades e dos recursos naturais de cada um dos Concelhos membros, com roteiros específicos: dos vinhos verdes, de festas, feiras e romarias; da caça, pesca e desportos náuticos, da natureza e meio ambiente, turismo no espaço rural, património construído, artesanato, hotelaria e gastronomia.

Os trabalhos e selecção dos vídeos esteve a cargo de empresa especializada, com a cooperação dos serviços técnicos da Região de Turismo, sendo o custo integrado PROAM (Programa Operação do Alto Minho), com apoio das Autarquias e do FEDER. As cópias dos vídeos serão distribuídas pelas autarquias, operadores e responsáveis pelos mercados turísticos no exterior que promoverão a Região de Turismo no Alto Minho, tendo por objectivo o seu desenvolvimento.

IMPRESA REGIONAL EM FESTA

A Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Alto Minho, no passado dia 29 de Janeiro, assinalou o aniversário da sua fundação e procedeu à eleição dos Corpos Sociais para o biénio de 1995/96.

No decorrer da Assembleia Geral, bastante participada, teceram-se algumas críticas sobre a dinâmica da Associação e, bem assim, sobre o apoio a dar aos autores associados na publicação e lançamento das obras.

Apresentou-se a sufrágio uma lista única assim constituída: Assembleia Geral: Presidente, Major Pereira de Castro, Valença; Vice-presidente, Dr João Gonçalves da Costa, Porto; Secretário, Artur Lopes da Costa, Esposende. Direcção: Presidente, João Fernandes, do Falcão do Minho; Vice-presidente, Mário Barros Pinto, do Notícias dos Arcos; Secretário, José Passos, Costa Pereira e Alexandre Marta, de Viana do Castelo; Conselho Fiscal, vice-Presidente, Dr Francisco Pitta, Viana do Castelo, João Cruz Gaspar, de Pon-

te de Lima e Lopes Gonçalves, de Vila Nova de Cerveira.

Num restaurante junto ao rio Neiva realizou-se o almoço de confraternização.

O IPIR (Instituto Português de Imprensa Regional) com sede em Barcelos, celebrou os 13 anos de fundação com uma sessão solene presidida pelo Dr Fernando Conceição, em representação do Governador Civil de Braga.

No decorrer da sessão usaram da palavra: Dr Vale Ferreira, presidente do IPIR; Dr Vasco de Carvalho, da APIR, o Dr Barroso da Fonte, do GI de Guimarães e Presidente da Assembleia do IPIR e, a encerrar, o Vice-Governador Civil de Braga, Dr Fernando Conceição.

À noite, realizou-se um jantar de confraternização que reuniu cerca de uma centena de associados, amigos e dirigentes, directores de jornais associados e rádios locais.

PUBLICAÇÕES

FLAMAS E GOA, A TERRA E O MITO

Decorreram em Barcelos, a apresentação de dois autores e de três obras, que teve lugar no Museu de Olaria, da cidade.

Flamas e Questões de Português, da autoria do conhecido poeta, jornalista e professor o Dr Vale Ferreira, numa sessão bem concorrida e com a presença de autarcas barcelenses, escritores, artistas plásticos, jornalistas, professores, entre muitas entidades ligadas às artes e às letras.

A Dr.ª Maria Pilar Figueiredo, professora e escritora, fez o lançamento do seu livro, Goa, a Terra e o Mito, obra resultante de anotações e de apreciações na deslocação a Goa, e dos contactos com os naturais, ainda bem recordados da língua portuguesa.

BOLETIM INFORMATIVO DO C. F. FÃO PASSOU À HISTÓRIA?

Factos que tenham interesse para divulgação, temos da curta duração do Boletim Informativo do Clube de Futebol de Fão, modestíssima publicação ao serviço do desporto local, extinto quase ao nascer.

Em 1965, Fão estava condicionada à imprensa alheia se pretendesse promover-se ou puxar, até, pelos seus interesses caseiros. O futebol necessitava de apoio na imprensa e, nessa época, só a página de Fão o poderia salvar, o que veio a suceder uns tempos depois (1966), até 1972, ano da extinção do semanário «O Cávado».

Entretanto, com o passamento de «O Fangueiro» em 1962, o Boletim veio a despertar bastante interesse com a sua publicação, e só não resultou porque a crise directiva e financeira veio a provocar a derrocada desta modesta, mas útil publicação.

Assumiu a presidência do Clube de Futebol de Fão, em 1965, Manuel Sequeira de Mendonça que, no momento de receber as contas da publicação, «determinou» o seu fim, alegando ser «uma vergonha de jornal». Assim aconteceu, ao cabo de 7 números e de ter provocado algumas dores de cabeça. Em Julho de 1965 era finada a obra de divulgação do Clube de Futebol de Fão.

A iniciativa pertenceu ao Dr Luis Vinha Novais (até cedeu graciosamente a máquina de imprimir o Boletim) que, em sistema artesanal, mas eficiente, deu vida à actividade do futebol.

Apoiaram a iniciativa e colaboraram: Artur Lopes da Costa, Manuel Pinheiro Borda, Carlos Rodrigues Palma Rio, Dr José Cândido Vinha Novais, Joaquim de Barros Peixoto, Adelino Fonseca Saraiva, Dr Armando Saraiva, Américo Saraiva, Francisco Faria de Moraes, António da Silva Vieira, Dr José Emílio Sampaio e Castro.

A impressão do cabeçalho era feita na Tipografia Vieira.



BOLETIM INFORMATIVO

CLUBE DE FUTEBOL DE FÃO

ASSOCIAÇÃO DADORES EM RECOLHA DE SANGUE



No próximo dia 12 de Fevereiro, no Centro Paroquial de Esposende, a Associação Dadores de Sangue leva a efeito uma dádiva e recolha de sangue, como sempre, destinada a Hospitais.

O Instituto Português de Sangue, a Paróquia de Esposende têm apoiado a campanha e são os promotores da recolha agendada para o dia 12 de Fevereiro.

Recordamos que a Associação tem percor-

rido o Concelho de Esposende em acções de recolhas de sangue, com o apoio do Instituto Português do Sangue, que têm obtido bons resultados. E, tanto assim é que, na última campanha realizada em Maio de 1994, verificou-se um acréscimo de dadores, tendo comparecido 45 dadores. 30 deram sangue, 6 foram adiados e 9 eliminados.

Na acção que se realizou em Fão, a 15 de Janeiro passado, compareceram 56 dadores, sendo aceites 47 pessoas, 6 ficaram adiadas e 9 eliminadas.

A Associação Dadores de Sangue agradece à população de Fão a dádiva e a prontidão com que acorreram à campanha, numa abnegada acção humanitária que não pode ser olvidada.

Artur L. Costa

PÁGINA JOVEM

AS PALAVRAS ESTÃO LONGE DO CORAÇÃO

Olá, jovens! Cá estamos em pleno Inverno que, apesar da chuva e do frio, tem a vantagem de nos fazer sentir melhor o aconchego quentinho do lar. E tem o Carnaval, e o Dia dos namorados... Tudo tem o seu lado bom, não é verdade? Divirtam-se, mas sem excessos!

AMANHECER NA ALDEIA

Por DONATO QUEIRÓS

O céu vai-se tingindo de tons de rosa esbatidos, seguidos de rosas fortes e laranjas vivos.

Farrapos de nuvens correm na sua azáfama habitual, como algodão-doce que se vai derretendo rapidamente formando bolinhas de açúcar.

No ar vão-se misturando vários cheiros, pão fresco, leite, bolos, café, cheiro a cara lavada e a um dia prestes a começar.

O som velho, rouco e cansado do sino corta o silêncio juntamente com o cacarejar afinado e sabido do galo.

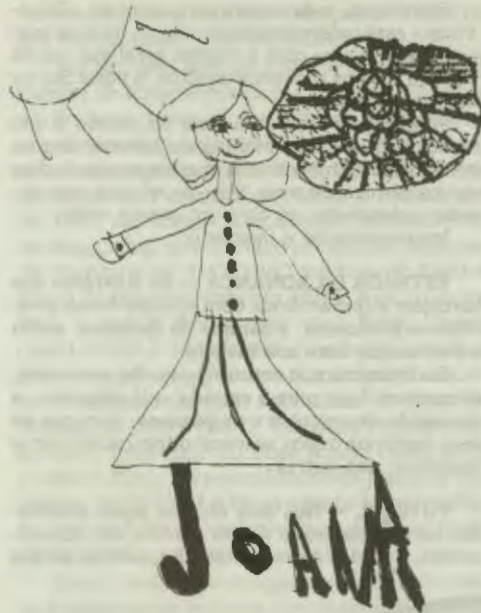
Gotas de orvalho prateadas vão rolando das plantas e das copas das árvores, que vão perdendo o seu brilho o seu banho de prata.

As flores vão desabrochando, colorindo o verde dos campos, primeiro uns salpicos de pintor amador, em seguida um tapete multicolor, onde um sem fim de insectos começa o seu dia.

As abelhas «funcionárias» componentes começam a trabalhar, colhendo pólen dourados das flores, que abanam como quem diz: — «Bom dia».

Ao longe no coração das matas, os primeiros pássaros esvoaçam, ensaiando as primeiros voos.

(Continua)



Desenho de JOANA SÍLVIA (6 anos)

ALEGRIA

*O patinbo
amarelo
saíu do ovo
de manhã cedo.*

*— que tudo é belo,
que tudo é novo!
gritou.*

*Que bom vai ser
brincar
e correr
com outros
do meu tamanho,
mostrar
que sou pato
e ir ao regato
tomar banho.*

SIDÓNIO MURALHA
in «VOA, PÁSSARO, VOA»

*Ao lado, a chuva caía,
E sob esse tecto de cimento,
Esquecidos do frio,
Ficámos um instante,
A olhar-nos.*

*O mundo estava parado.
O tempo não existia,
nem as palavras.
Só os olhos
E os sentimentos que eles trocavam*

*Me deixaram entender-te um pouco.
Mas o mundo mexeu-se,
O tempo voltou,
E os olhos separaram-se
Para dar lugar às palavras
Na frieza de um curto adeus.*

MARTA MARIZ MENDES
(17 anos)

PAUSA PARA SORRIR

Num exame. O professor pergunta ao aluno:

— A que reino da Natureza pertence o Homem: ao animal, ao vegetal, ou ao mineral?

— Ao mineral — responde prontamente o aluno.

— O quê? — exclama o professor admirado. — Porque diz semelhante asneira?

— Não é asneira nenhuma — replica o aluno muito convencido. — Então o primeiro homem, não foi feito do barro?

★

Conversa entre três chineses que estão à espera, num corredor da Maternidade, que nasçam os seus filhos:

— O meu filho vai ter o nome mais pequeno que há, porque detesto nomes compridos. Vai chamar-se simplesmente Ó — diz um dos futuros papás.

— Pois o do meu ainda vai ser mais curto — responde outro deles.

— Como pode ser? — perguntam os outros.

— Vai chamar-se: QUASE-Ó — responde o homem.

— Então o do meu vai ser o mais curto de todos — afirma o terceiro.

E, perante o espanto dos outros dois futuros pais, acrescenta:

— Vai chamar-se: NEM-QUASE-Ó!

ESTA FOLHA TEM O
PATROCÍNIO DE:

impetus

DE APÚLIA

O QUE NOS RESTA — Apúlia era, não há muitos anos, uma das terras mais conhecidas e admiradas, e até das mais estimadas do Distrito de Braga, muito por força do seu mar, que ainda é o mesmo, e a simplicidade das pessoas. As nossas praias e a força interior das nossas gentes, ou têm sido destruídas, e em alguns casos, e em alguma parte pelo homem, ou estão adormecidas no sono da diferença.

A «galinha dos ovos de ouro», que eram as nossas praias, se já não está morta, está ferida de morte lenta e sem glória.

E será que merecemos isso? A força do destino é muito forte; mas nós, todos nós, nada fizemos, nem nada faremos para o contrariar. Como na história do macaco, pomos as mãos na cabeça, e deixamo-nos ir ao fundo. Vemos, ouvimos e observamos. É isso, todos somos observadores passivos, quando todos devíamos ser actores. Actores intervenientes, de uma boa e grande causa. A causa da sobrevivência, digna e respeitada de uma boa terra, que já terá sido maior e mais considerada no contexto concelhio.

Dizem que só os pobres choram alto, porque só assim são ouvidos.

Será que já nos julgamos todos ricos?...

AS NOSSAS PRAIAS — A destruição de todas elas vai-se consumando. Lenta, mas inexorável.

Agora, até a da «Ramalha» está ameaçada, imagine-se, por um simples ribeiro, que tem o mesmo nome, e que só nos meses de inverno é que tem força para chegar até ao mar!...

O leite desse regato, fez uma trajectória interessante, e já está a destruir a zona dunar da parte Norte.

A Natureza (?) faz coisas incríveis... No caso da «Ramalha» essa guinada para Norte do pequeno beneficia alguém?

Se não beneficia, como se pensa que não beneficia, será fácil para Apúlia, porque toda aquela área é sua, com umas pequenas «palmadas» no dito, mete-lo na ordem e no bom caminho... Mas de pressa, antes que seja tarde.

Só nos faltava mais esta. Depois do que se passou nas praias da parte Norte da freguesia, até a do Sul está a ser fortemente atacada. Estamos a ir ao fundo pelos flancos.

Só que aqui não são, nem o mar nem o espolio das «Pedrinhas» os seus principais agentes destruidores. São «coisas» de um pequeno ribeiro que quer mudar de rumo, para conhecer novas terras e novas gentes...

Entretanto, toda a praia para norte do «Salva-Vidas» está totalmente destruída. A fúria do mar já está a «mexer» com o imenso areal que vai da lingueta até aos rochedos da Cruz, a parte Sul da Praia de «Couve».

Para que se faça uma ideia do estado a que aquilo chegou, basta referir que o primeiro degrau das escadas da meia laranja já estão a mais de dois metros do nível da areia. Subi-las, só com uma escada; e desce-las, só com um grande salto.

Impressionante e desolador.

ESTRADA DA BONANÇA — As austrálias que bordejam e tornam linda com as suas flores amarelas na primavera, a estrada da Bonança, estão a precisar de uma boa tosquia.

Os arbustos, que naturalmente vão crescendo, teimam em fugir para a estrada, e já dificultam a circulação de veículos e de pessoas, sem que os seus legítimos donos se incomodem muito com o incómodo dos outros.

FUTEBOL — Nos dois últimos jogos efectuados no seu campo, o Apúlia ganhou um, (Celorigense), e perdeu outro, (Airão). Reconheça-se que

qualquer uma dessas duas equipas é, presentemente, um pouco superior ao Apúlia. Por isso não se pode dizer, como se disse, que os resultados foram maus.

Nesta fase da prova em que participa (Divisão de Honra), que é o escalão mais alto dos Distritais, o Apúlia está com 15 pontos, e em 9.º lugar.

A mesma pontuação tem o nosso vizinho Fão, onde o Apúlia se desloca hoje.

Em perspectiva um jogo arduamente disputado, mas provavelmente nem sempre bem jogado, porque nem um nem outro gostam de andar juntos nestas coisas da bola, e vão fazer tudo para se distanciar do parceiro de ocasião. Que pode ainda não acontecer hoje.

FALECIMENTO — Na sua casa da Rua do Facho (Areia), faleceu no dia 25 do mês de Janeiro, a Senhora ILDA ESMERALDA GONÇALVES QUEIROGA, casada com o Senhor Joaquim da Costa Faria (Joaquim Maltez).

Filha de António Gonçalves Mujo e de Isaura Alves Queiroga, nasceu em Apúlia no dia 15 de Outubro de 1992.

Os nossos pêsames para todos os seus familiares.

SANEAMENTO — Agora é mesmo a sério. Dentro de pouco tempo o saneamento em Apúlia vai funcionar. Já se projectam as ligações à rede pública, e já se segredam os seus custos, que a fazer fé no que se diz, não são nada suaves.

Mas, como se não podem meter dois proveitos no mesmo saco, e como o saneamento é, de facto um dos principais agentes de uma melhor qualidade de vida, não vai ser só por isso que uma boa parte dos apulienses vai deixar de usufruir desse bem incalculável.

FALECIMENTOS

- Quando se encontrava na sua casa do Porto, faleceu subitamente a nossa prezada amiga Arlete Carneiro Fernandes com 73 anos de idade.

Como vivia só, foi uma vizinha, alertada por um estranho cheiro de cozinha, quem tomou a iniciativa de ir verificar o que se passava e encontrou a nossa conterrânea já sem vida.

Foi sepultada em Fão em jazigo de família.

- No mês de Janeiro faleceu em Fão Maria Adelaide Cardoso da Silva Ribeiro (Maria Adelaide Padeira) que se encontrava doente já há alguns anos. A Maria Adelaide tomou parte activa nas famosas revistas do Ernesto Sacramento.

- Em Gandra, onde estava casado, faleceu o nosso prezado assinante José Fernandes Branco. Assim começa a desaparecer a geração que está prestes a entrar na casa dos setenta (anos).

Ainda no mês de Janeiro, que este ano foi bastante trágico para Fão, faleceu Gloriosa da Graça de Jesus Coelho que vivia em Meadela, Viana do Castelo. Foi enterrada no nosso cemitério.

- Com 73 anos morreu em Fão Elisa Machado dos Santos.

- Também faleceu no Lar da Terceira Idade a nossa conterrânea Maria Gonçalves Vasco que tinha 79 anos.

A Parca da morte dizimou com certo afincos os nossos septuagenários.

Que descansem em paz.

A todos os familiares apresentamos os nossos pêsames.

NOVO TALHO
JACINTO

Carnes de Qualidade

"APÚLIA"

Talho 1 - ☎ (053) 981920

Talho 2 - ☎ (053) 981946

FAX (053) 981920

O BOM JESUS DE FÃO

ALAMEDA (CONTINUAÇÃO)

Por CARLOS MARIZ

Por gralha, de impressão consta, no artigo anterior, que a canalização da água foi orçada em 14.000\$00 reis em vez de 1.400\$00 reis. Na parte final a seguir à «interferência», deve ler-se «SALVO A.»

Durante o século passado e mais de metade deste, a Câmara Municipal de Espoense lutava com várias dificuldades financeiras. As suas receitas normais mal chegavam para pagar ao pessoal, levando até alguns presidentes a adiantar de seu bolso o dinheiro para pagamentos, como sucedeu, por exemplo, com o Doutor Alexandre Torres.

Por isso, era necessário recorrer aos beneméritos e às boas vontades locais para se fazerem obras de vulto.

Assim, aqui em Fão, graças ao pedido do povo, veio a ser criado o Real Imposto para Despejo das Areias em 23 de Outubro de 1826, que, sob administração municipal, permitiu desentulhar boa parte de Fão antigo e protegê-lo contra a invasão das areias, com a plantação do pinhal.

A reconstrução da igreja matriz, com nova torre, a ligação entre o adro desta igreja com a actual Rua Profesor Pio Rodrigues e ainda com a Avenida S. Januário, bem como a construção e alargamento do cemitério, obras levadas a cabo pela Junta de Paróquia, só foram possíveis com o Imposto Paroquial — derrama lançado pela Junta de Paróquia.

A Estrada para o Mar, a canalização da água para os fontenários públicos, o arranjo do Largo do Cortinhal e ainda o edifício escolar foram obras possíveis devidas a beneméritos locais, feitas nos finais do século passado.

A Câmara Municipal limitava-se a passar licenças e dar apoio moral...

Nessa época só duas obras camarárias de vulto se realizaram em Fão:

1 — A Estrada Municipal entre Apúlia e Fão, que veio a dar lugar à actual EN13; mesmo assim houve muita mão de obra e carretos de material gratuitos mais o Imposto de Trabalho do povo de Fão.

2 — A Estrada entre Fão e Fonte-Boa, cujo segundo lanço de 1378,86 metros, que corresponderá à actual Rua Serpa Pinto, foi arrematado por António Gonçalves Vila Fria em 30/12/1893, por 900.000 reis.

Foi por isso que em 1881 se formou a Comissão de Fangueiros para Construir a Alameda do Bom Jesus e que, como já relatamos, era constituída pelo Prior de Fão, Padre Gonçalo Lourenço Cardoso Viana, vice-presidente da Junta de Paróquia em 1890 e Presidente de 1891 até ao seu falecimento; Manuel José de Magalhães, que foi vice-presidente da Junta de Paróquia de 5/11/1882 até fins de 1883 e vogal da mesma junta em 1893. José Gonçalves Lopes, Provedor do Bom Jesus (1881/1882 e 1887/1889), tendo igualmente sido vereador na Câmara Municipal; Francisco Fernandes Gaifém, secretário da Mesa do Bom Jesus (1883/1884); Valentim Félix de Magalhães, Provedor do Bom Jesus (1885/1887 e 1892/1896), vice-presidente da Junta de Paróquia 1893/1894 e Dr. Augusto Moreira Pinto, médico de Fão e Provedor do Bom Jesus 1882/1884.

Esta Comissão conseguiu em Fão um conto e oitocentos mil reis (correspondem hoje a quatro mil e setecentos contos), com os quais criou uma ampla alameda em frente ao templo do Bom Jesus.

O Padre Chaves, que assistiu à obra, testemunha, em «Elementos para a História de Fão», referindo-se ao derrube de árvores em 1923: «Este cavalheiro (o Provedor) reconhecendo que o ilustre público não via com bons olhos este vandalismo — pois era duro não reservar, nem sequer uma só árvore pra perpetuar a memória dos nossos benfeitores — propagava aos quatro ventos, que a Alameda era propriedade da Câmara, de que era presidente um seu cunhado, — quando é certo que a maior parte do terreno foi oferecida por alguns proprietários, e o restante quasi dado». E, a seguir acrescenta: «E não é menos certo, que no arquivo da Câmara deve existir, pelo menos, um documento, em que esta cede de qualquer direito, que por ventura possa ter, a favor da Confraria do Bom Jesus».

O temporal, no inverno de 1921/1922, derrubou várias árvores da alameda, que tinham porte gigantesco. A Junta de Freguesia de Fão quis apoderar-se delas e da Alameda, mas a Câmara Municipal informou-a no ofício n.º 80, de 17/7/1922, que a Junta não tinha qualquer jurisdição sobre

a alameda e que «por averiguações a que procedeu, concluiu que o terreno ou alameda do Bom Jesus, dessa freguesia é da sua jurisdição»... (da câmara)...

Sucedeu que, na sessão de 17/2/1922 a Mesa da Irmandade do Bom Jesus «resolveu encarregar o Senhor Presidente para se entender com a excelentíssima Câmara Municipal sobre as árvores da NOSSA ALAMEDA, que um dos últimos temporais arrancou, afim de proceder-se à reparação do pavimento da mesma alameda».

Da acta de 17/7/1923 consta «...foi dito pelo Sr. Provedor Dr. Henrique de Barros Lima que achava de muita conveniência para o embelezamento da Alameda do Senhor Bom Jesus proceder-se à substituição das antigas árvores ali existentes e fazer outras obras de harmonia com as regras da estética o que entendia bem entender-se com a Câmara Municipal de Espoense afim de realizar o seu plano de reforma. Todos concordaram com o critério do Senhor Provedor, que ficou com plenos poderes para em tudo proceder conforme julgasse melhor».

A Mesa tinha como Secretário Celestino Gomes Pires, Tesoureiro - António Domingos Assumpção e vogais - Albino Torres, Alberto Pinheiro Magalhães, Ascânio Campos Silva, António Almeida Gomes, Félix Fernandes Gaifém e Cândido Alves dos Reis, Juiz substituto - Joaquim Pinto de Campos.

Nessa época o orçamento e contas de gerência eram remetidos à Administração do Concelho para análise, informação e aprovação da Comissão Distrital de Braga. A Irmandade não tinha verbas inscritas no orçamento para realizar a obra e, daí, para simplificar as coisas, surgiu a decisão de se constituir em «Comissão» para poder actuar livremente.

Por sua vez, qualquer obra que modifique a estética local era e é obrigatoriamente licenciada pela Câmara Municipal — o que obrigava a Irmandade a entender-se com o município.

Mas, ao saber-se em fão que iam derrubar as árvores, surgiu um forte movimento de contestação, como se depreende de um panfleto então distribuído com o título «Desafrentando a gloriosa memória dos nossos antepassados». Nele, sem indicar o nome, atacava-se o Provedor da irmandade, fazendo-se acusações políticas de actuar contra os republicanos, fazendo cair a Junta, a Mesa da Misericórdia, a Direcção do Clube Fãoense e a Mesa anterior da Irmandade (era comissão administrativa). Trataremos mais tarde deste assunto, apenas é de focar que havia forte agitação política na época.

FESTAS DO SENHOR DE FÃO

Um grupo de senhoras de Fão, cremos que o mesmo do ano passado, vai constituir-se em comissão para realizar as festas do Senhor Bom Jesus.

Da última vez os festejos do Senhor de Fão tiveram nível. Este ano, cremos, vai acontecer a mesma coisa. Os pedidos já começaram.

Entretanto ficamos à espera do programa para ver as inovações que vão surgir.

PIZZERIA — CREPERIA — GELATARIA

One Way

TAKE AWAY — ENTREGA GRATUITA AO DOMICÍLIO — ENTREGA EM 30 MINUTOS

Rua Vasco da Gama, Loja 11 R/C Esq. Trás
4740 ESPOSENDE — TELEF. (053) 961566

Dicionários EDITORA

A vasta coleção «Dicionários Editores» acaba de ser enriquecida com a publicação da 8.ª edição do Dicionário da Língua Portuguesa. Uma obra invulgar para o nosso país, feita em moldes somente utilizados em enciclopédias, com a colaboração de professores de comprovada competência, tem em matéria generalizada, como de especialidade. Enriquecida não só no aspecto etimológico, com muitos novos vocábulos, que aumentaram de cada vocábulo, que aumentaram esta edição em mais de duas centenas de páginas, como também pelo alargamento do apêndice de palavras e locuções estrangeiras.

O Dicionário da Língua Portuguesa — 8.ª edição — é o mais desenvolvido de todos os do seu género, o mais correcto e o mais actualizado quanto a definições de termos técnicos e científicos.

PORTO EDITORA, LDA. Rua da Restauração, 365/4099 PORTO CODEX
Livraria ARNADO, LDA. Rua de João Machado, 9-11/Apart. 375/3007 COIMBRA CODEX
BMP, L. FLUMINENSE, LDA. Rua de S. João Nepomuceno, 8-A/1200 LISBOA

DESPORTO

Por JOÃO PEDRAS

FUTEBOL

Na crónica desportiva do anterior número de «O Novo Fangeiro», pormenorizámos tanta coisa sobre o 37.º aniversário do Clube de Futebol de Fão, que nos esquecemos de um pormenor muito significativo para a ocasião: a não publicação dos nomes dos dirigentes fundadores do clube, convidados de honra naturalmente para o acto comemorativo.

Se não enjeitamos a responsabilidade por tudo quanto relatamos porque sentimos satisfação em recordá-lo, também não enjeitamos a mesma, pelo erro que cometemos e aqui estamos a pedir que nos desculpem, mas com a consciência tranquila de que não o fizemos por má fé. É, para comprovar que temos muito respeito por aqueles que com muito sacrifício trabalham pelas instituições da nossa terra, se não também não o tínhamos por nós próprios.

Repetimos: para comprovar esse respeito lembrámo-nos de quando o Clube de Futebol de Fão foi a França participar num torneio de futebol, convite feito pela Associação de Portugueses de Cergy-Pontoise, poucos meses depois retribuimos essa cortesia, recebendo os nossos compatriotas em Fão com a mesma dignidade com que lá fomos recebidos. Para esse acontecimento memorável não nos esquecemos de convidar os pioneiros do Clube de Futebol de Fão e ainda nos lembramos (das palavras) do sr. Valdemiro Cardoso quando da entrega de lembranças na festa de despedida realizada nos Bombeiros Voluntários de Fão. «*Rapazes estou muito sensibilizado, pois não estava a contar com uma coisa destas*».

Eis a lista: Dr. Albino Campos, Presidente; António Torres, vice-Presidente; Manuel Gomes Soares, Secretário; Joaquim Miguel, Tesoureiro; Valdemiro Lopes Cardoso, Vogal; António Gai-fém, Vogal.

Simultaneamente foram atletas do Clube.

Estes dados foram-nos fornecidos pela actual direcção do Clube de Futebol de Fão.

CAMPEONATO DISTRITAL DA DIVISÃO DE HONRA DA ASSOCIAÇÃO DE FUTEBOL DE BRAGA

Últimos resultados: Vilaverdense, 2 - Fão, 0; Fão, 1 - Alvelos, 0; Realense, 0 - Fão, 0. Fim da 1.ª volta. Esporões 0 - Fão, 0; Fão, 1 - Apúlia, 0.

De tudo um pouco como na farmácia. Continua a supremacia da equipa fangeira nos jogos disputados em casa. Os resultados têm sido sempre escassos em números de golos; por isso, temos mais golos sofridos do que marcados, no total dos jogos já efectuados, mas também podemos dizer com vaidade que até agora em Fão nenhum adversário pôde festejar qualquer golo porque o guarda-redes fangeiro tem mantido a sua baliza inviolável. É obra? Seis vitórias e dois empates também é positivo. Quanto a nós, o único ponto perdido frente ao Lagense, zero a zero foi porque jogamos mal. Já no outro zero a zero perante o Ribeirão, não se pode dizer o mesmo, apesar de merecermos a vitória, tal foi o assédio dos fangeiros à baliza contrária, mas, os visitantes apesar de serem candidatos à subida, contentaram-se com o empate e para isso defenderam-se com unhas e dentes. Quanto às seis vitórias foram justíssimas sem qualquer contestação e, repetimos, apenas escassearam os golos. Porque então tão fraco rendimento fora de casa? Ora bem: mal! Já várias vezes dissemos o mesmo e vamos repeti-lo porque na última derrota em Vila Verde aconteceu o mesmo; vai-se

jogar para conquistar o tal pontozinho do empate quando o adversário nos enfia de rajada 2, 3 e 4 golos nos primeiros 45 minutos.

Nas segundas partes a rapaziada fangeira levantava a cabeça, enchia o peito de orgulho ferido e com razão. Para isso tentava tudo por tudo, mas os antagonistas não regressavam ao jogo para dormirem à sombra das palmeiras e assim os resultados negativos aconteciam, nada compatíveis com o valor dos nossos jogadores, exceptuando o empate em Apúlia de zero a zero. Até que chegou o fim da primeira metade da prova e no Realense, último classificado, toda a gente estaria à espera da primeira vitória fora de portas, mas afinal tivemos que contentarmos-nos com um empate também a zero, mas neste confronto não haja dúvida de que se os avançados de Fão não fossem tão perdulários, o Realense levaria que contar, tal era a fragilidade do seu conjunto. Já no primeiro jogo da 2.ª volta em Esporões, num campo cujo terreno era mais lama do que piso escorrido, consequências do mau tempo, os visitantes podem queixar-se da pouca sorte que tiveram, ao encontrar pela frente o guarda-redes fangeiro inspiradíssimo, um árbitro que lhes anulou um golo e não marcou uma grande penalidade contra os visitantes.

Para os fangeiros, o juiz da partida foi excelente: pudera! Mas pelo sacrifício de jogar 90 minutos de futebol num pantanal daqueles, pensamos que o empate soube bem.

Quanto ao derby concelhio, os nossos bons vizinhos de Apúlia nada têm de que se queixar, pois a superioridade do Fão foi evidente em quase todo o encontro como aliás nos tem acontecido. Os da casa só sofreram um pouco na parte final do desafio quando ficaram reduzidos a dez elementos por expulsão do seu jogador Agra, punido com o segundo cartão amarelo. E os visitantes, bem apoiados pelo seu público, em muito maior número do que a assistência fangeira, tentaram o empate mas sem jogo consequente para esse efeito; e ainda bem para os fangeiros porque seria uma injustiça o Fão perder um ponto tanto importante para a vitória como para deixar os nossos vizinhos a dois pontos de diferença na classificação geral.

FÃO, 1 — APÚLIA, 0

FÃO — Zé Maria; Alexandre, Pedro, João André e Agra; Sousa, Jaime, Daniel e Mário; Pinheiral e Paquete.

Jogaram ainda Domingos que substituiu Jaime, e Valdemar que substituiu Mário. Marcador do golo: Pinheiral. Cartões amarelos para Agra que acabaria por ser expulso com o segundo cartão amarelo, Sousa e João André, pelo Fão e pelo Apúlia, Pedras.

Vamos analisar dois pormenores sobre esse jogo. O primeiro, pela sequência das boas exibições efectuadas e mais uma vez o conseguimos; falamos do jovem João André que com os seus dezoito anos cheios de talento nem lugar no banco dos suplentes tinha, para dar lugar a colegas que com coxas e joelhos elásticos, se arrastavam pelo campo para justificar as suas aquisições. Felizmente valeu a pena malharmos aqui tanto até o ferro ficar quente sobre este belo jogador já avalizado por nós desde o tempo em que começou nos infantis.

O segundo pontos é sobre o defesa direito do Apúlia Pedras; mais conhecido por Pedrinhas desde o tempo em que se iniciou nos juvenis em Fão; um lutador incansável, aguerrido, viril, que

foi o melhor elemento da equipa do Apúlia para alguns espectadores. Até a única oportunidade dos visitantes ia sendo concretizada por ele. Quantos incitamentos ele recebia dos adeptos fangeiros que se entusiasmavam pela sua forma de jogar.

Debandou para outras paragens como tantos jovens fangeiros (não para venderem a alma ao diabo por tuta e meia como ironizaram). Agora, para outros espectadores já é um jogador violento por jogar contra o seu clube de sempre, com mais raiva do que os outros elementos do seu novo clube. Quando um jogador tem raça como o Pedrinhas, têm que defender a camisola que veste sempre com a mesma dignidade, quer seja a camisola do clube da sua terra, quer seja a do Apúlia, mas parece que há quem não compreenda isso. Coisas do futebol, como também são coisas do diabo ter sido o único jogador fangeiro a não ser convidado a regressar ao clube da sua terra. Uns disseram sim, outros não, mas o Pedrinhas não teve esse direito porque não estava nos planos dos técnicos, ao contrário de outros pedregulhos (não fangeiros) que estiveram. Coisas de técnicos?

E para que não haja confusões, não somos nós só os autores destas referências ao jogador em questão, os próprios antigos colegas o referenciam. Ouvimos por exemplo de um colega de equipa que o Pedrinhas era o melhor defesa direito das equipas regionais no concelho!

E para terminar, queremos afirmar que a nossa amizade para com o José Manuel Vassalo continua desde o tempo em que ele foi jogador do Fão e por sinal também defesa direito e com umas certas semelhanças em relação ao assunto que abordamos. A nossa solidariedade para com ele como treinador do Fão já vem de há muito e há-de continuar. Mas quando toca a desbafar não há amigo que cale amigo.

NOVAS AQUISIÇÕES

Neste caso não se trata de novos jogadores mas sim de directores: já tinha reforçado o elenco o Domingos Ferreira, um bom elemento que já a época passada fez um bom trabalho e agora entrou como assessor da Direcção Marinho Matos do Vale, um elemento traquejado nestas coisas do futebol e não só! Já como presidente sentiu a satisfação da subida de divisão há uns anos atrás. Quem sabe se não será um bom prenúncio?

CLASSIFICAÇÃO

Delães, 17 jogos 30 pontos; Ribeirão, 25; Vilaverdense, 22; Celoricense, 21; Serzedelo, 20; Airão, 20; Alvelos, 17; FÃO, 17; Lagense, 16; Águias da Graça, 15; Apúlia, 15; Porto D'Ave, 13; Esporões, 13; Celeirós, 12; Garfe, 9; Realense, 7 pontos.

DOENTE

Foi submetido a uma operação melindrosa, no Hospital de S. João, no Porto, a nossa conterrânea Maria Amélia Campos Pereira.

A operação decorreu bem e a doente já pôde vir para casa.

Desejamos completas melhoras.

BRASIL

Como de costume, foi passar o Inverno ao Brasil o nosso prezado assinante Alcindo Gonçalves. Que dê um abraço aos bons amigos Cardoso e Silva. E volte rápido que o Tó Zé está à espera.

PÁGINA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



CULTURA PRÁTICA DO CORNICHON

(Continuado do número anterior)

Na fase inicial, ou seja, quando as plantas são jovens, necessitam de água para o seu desenvolvimento.

Durante a floração, a água faz bastante menos falta. No início da formação dos frutos, a necessidade de regas, como é natural, aumenta.

O número de regas depende da maneira como decorre o tempo. Estas deverão ser feitas tanto quanto possível de manhã cedo, para evitar queimaduras a permitir uma boa secagem.

Não convém fazer regas muito abundantes, é preferível fazê-las com menos água e mais frequentemente.

As regas poderão ser feitas por aspersão, economizando, deste modo, bastante mais água, ou pelo sistema de infiltração ou mesmo, e ainda melhor, pelo sistema de gota a gota.

XIII — TRATAMENTOS FITOSSANITÁRIOS:

Vamos considerar dois pontos principais, ou seja o combate a pragas e o combate a doenças.

1) Combate a pragas:

a) desinfeção do solo:

Antes da sementeira convém fazer a

desinfeção do solo, usando o *THIODAN* à razão de 8 litros por hectare, misturado com 0,5 litro de *DECIS*, pois deste modo consegue-se destruir as *roscas*, *nóctuas*, *alfinetes* ou *bicha amarela* e outros insectos prejudiciais existentes no solo.

b) Antes do início da colheita:

Convém fazer um tratamento para o combate de insectos ácaros que porventura possam existir.

Para o combate da ácaros poderão utilizar o *ACARICIDA HOECHST* ou como alternativa o *PLICTRAN*.

Para o combate a insectos deverão usar o *DECIS* se porventura não houver folhas enroladas, caso contrário este deverá ser substituído pelo *DIGOR*.

c) Na parte restante do ciclo vegetativo:

Se houver piolhos (afídeos), convém tratar com *DECIS*, ou como alternativa com o *PIRIMOR*.

2) Combate a doenças:

As principais doenças, que podem atacar o CORNICHON são:

Míldio, *ferrugem* e *antracnose*.

Estas doenças combatem-se preventivamente usando o *KOR 80* à razão de 250 gramas por 100 litros de água, para tratar 1.000 m².

Os intervalos entre os tratamentos deverão ser de 10/12 dias.

Como tratamento curativo deve usar-se o *POLICUR* ou o *REMILTINE*.

XIV — COLHEITA:

A colheita inicia-se, logo que apareçam os primeiros frutos e continua a seguir diariamente.

Para se obter um bom rendimento, há que ter a preocupação, de colher os frutos com o calibre de 19 milímetros. Se assim procederem, poderão conseguir produções de 10 toneladas por hectare. Basta não colher um dia, para que os frutos atinjam o calibre de 23 milímetros, sendo grandemente desvalorizados comercialmente.

Além disso, se deixar crescer os frutos acima dos 19 milímetros, as plantas esgotam-se mais rapidamente, e as produções baixam muito.

As colheitas devem ser feitas, com todo o cuidado e as plantas deverão ficar no lugar, onde se encontravam, antes de serem mexidas.

NOTA IMPORTANTE:

Com uma colheita feita em boas condições, é possível conseguir-se:

a) 80/85% de frutos com o calibre de 19 milímetros.

b) 15/20% de frutos com o calibre de 21 milímetros.

Isto equivale a poder dizer-se que se conseguirão obter os mais elevados rendimentos não só em quantidade como em qualidade dos frutos.

FIM

1 — INTRODUÇÃO

Este modesto trabalho, tem como finalidade, dar um apoio efectivo aos produtores de melão, ajudando-os a resolver os graves problemas que os afligem, de molde a minorar os prejuízos que têm tido e ao mesmo tempo fazer com que haja um maior incentivo nesta cultura, não a deixando cair no marasmo até desaparecer como já está a acontecer nalgumas zonas do tão apreciado melão «casca de carvalho» que é precisamente o «Vale do Sousa». Esperamos que com os esforços conjugados da técnica e da prática conseguiremos o objectivo em vista.

Para a frente é o caminho...

I — ORIGEM

O melão é provavelmente originário do noroeste da Judia, ou dos vales do Irão. Hoje a sua cultura está espalhada por todo o mundo. Em França começou a cultivar-se a partir do séc. XV com o tipo cantalupo. Esta espécie passou a ser a mais cultivada. Na América foi introduzida por Cristóvão Colombo, e rapidamente se espalhou por todo o continente. No nosso país não se sabe bem qual a data da sua introdução, no entanto, verificou-se há centenas de anos.

3 — CLASSIFICAÇÃO

O melão (*Cucumis nelo* L.) é uma planta anual, de caule rastejante, por vezes trepador, cilíndrico e com nós, donde nascem sarmentos secundários, compridos, flexíveis; as folhas mais ou menos recortadas, têm 5 lóbulos com bordos lisos ou dentados, as flores são unisexuais, de corolas amarelas, aparecendo as masculinas em grupos de 3 ou 4 oblongos, ou esféricos, ligeiramente deprimidos de cor variável, a sua superfície pode ser lisa ou coberta por um reticulado siberoso, enrugada ou fortemente empolada, algumas vezes marcada por sulcos longitudinais, mais ou menos acentuados.

(continua)

ÁGUIAS DE SERPA PINTO

O Clube Águias de Serpa Pinto existe nas Pedreiras, já lá vão uns anos. A sua principal vocação é a prática do futebol. Possui de facto uma equipa que tem realizado encontros domésticos, queremos dizer não oficiais. Lembremos que, há muitos anos já, existiu nas Pedreiras um grupo de futebol que aos domingos, todos os domingos, disputava desafios com a equipa de Fão. Ainda não vai muito tempo mencionámos o nome dos jogadores dessa altura. Os jogos eram nas Rodas. Normalmente a turma pedreirense perdia, mas subsistia sempre a esperança de que no domingo seguinte nós (os das Pedreiras) íamos ganhar.

Pois os filhos ou os netos desses heróis de antanho tem também a sua equipa e, pelos vistos, tem mais do que isso, tem um grupo de variedades que já levou à cena dois espectáculos no Salão dos Bombeiros. Não vimos o primeiro (estes fulanos bem poderiam ter a gentileza de avisar o jornal), mas vimos ou assistimos ao desenrolar da segunda parte do segundo. E gostamos, sim senhor.

A gente das Pedreiras já não é tão simples, tão ingénua, tão interiorizada, tão telúrica como era. A televisão alarga os horizontes, aproxima os povos, assimila a um perfil médio de ser.

E nós vimos que os apresentadores do espectáculo de Águias de Serpa Pinto desempenharam o seu papel de um modo muito satisfatório. Os artistas, eles e elas, miúdos e graúdos, souberam falar e cantar bem. Com boa dicção, sobretudo. Os palhaços tiveram igualmente um desempenho muito desejável, com o senão de às vezes resvalarem para termos e expressões menos limpos. O que se aceita num génio como é o Herman José (que às vezes tem comportamentos reprováveis ou dúbios: ainda hoje estamos para saber por que raio é que há dias tirou fora as calças), não deve acontecer em actores de segundo plano.

Enfim, desejamos que a malta das Pedreiras não desanime e que continue a dar testemunho do seu valor e persistência. Pedreiras é uma nação!...

O PORQUÊ DEUS CRIAR O HOMEM

DEUS CRIOU O BURRO E DISSE:

Obedecerás ao homem, carregarás pesados fardos às costas e viverás 30 anos. Serás BURRO.

O Burro virou-se para DEUS e disse:

— Senhor, ser Burro, obedecer ao homem, carregar fardos às costas e viver 30 anos?!

É muito Senhor: Bastam-me apenas 10 anos.

DEUS CRIOU O CÃO E DISSE:

Comerás os ossos que te atirarem ao chão, tomarás conta da casa do homem e viverás 20 anos. Serás CÃO.

O Cão virou-se para Deus e disse:

— Senhor, comer os ossos atirados ao chão, guardar a casa do Homem e viver 20 anos?!

É muito, Senhor, bastam-me apenas 10 anos.

DEUS CRIOU O MACACO E DISSE:

Saltarás de ramo em ramo, farás macaquices e viverás 30 anos. Serás MACACO.

O Macaco voltou-se para Deus e disse:

— Senhor, saltar de ramo em ramo, fazer macaquices e viver 30 anos?!

É muito, Senhor, bastam-me apenas 20 anos.

DEUS CRIOU O HOMEM E DISSE:

Serás o Rei dos animais, dominarás o Mundo, serás inteligente e viverás 30 anos. Serás HOMEM.

O Homem voltou-se para Deus e disse:

— Senhor, ser Rei dos animais, dominar o Mundo, ser inteligente e viver 30 anos?!

É pouco, Senhor!

— 20 anos que o Burro não quis, 10 anos que o Cão recusou e os outros 10 que o Macaco não quer... dai-mos a mim, Senhor, para que eu viva pelo menos 70 anos!

E Deus atendeu o Homem. Até aos 30

anos, o Homem vive a vida que Deus lhe deu. É HOMEM.

Dos 30 aos 50 anos o Homem casa e carrega os fardos às costas, para sustentar a família. É BURRO.

Dos 50 aos 60 anos, já cansado, ele começa a tomar conta da casa. É CÃO.

Dos 60 aos 70 anos, mais cansado ainda, ele passa a viver aqui e ali, na casa de um filho ou de outro, a fazer gracinhas para as crianças se rirem. É MACACO.

NOTA: — Esta é a realidade da vida. De nada adianta o dinheiro, o orgulho ou a vaidade...

Todos nós temos que passar por estas fases!

ADRIANO NASCIMENTO

OBRAS NO HOSPITAL

O Hospital S. João de Deus está a receber grandes remodelações que atiram para cima das centenas de milhares de contos.

A entrada central e compartimentos adjuntos, inclusivé o bloco operatório, foram totalmente reestruturados e transformados em 6 gabinetes clínicos com especialidades: pediatria, urologia, dermatologia e ortopedia. Alguns deles são polivalentes.

Toda a área dos quartos particulares e enfermarias foi renovada. Está-se a construir por dentro um hospital moderno, embora a arquitectura externa se mantenha.

Face à remodelação por que está a passar o Hospital de Esposende, o Hospital de Fão tinha que se mexer.

É a eterna dialéctica bairrista.

Entretanto soubemos que o dr. António Torres vai desligar-se do serviço do hospital de Fão.

Com certeza que os responsáveis da Santa Casa da Misericórdia vão colmatar, quer o lugar deste clínico apuliense quer a vaga deixada pelo dr. Queirós de Faria.

ASPIRAÇÃO ARDENTE

*De variadas flores perfumadas,
Deveria a Família ser canteiro:*

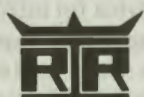
*— Onde o bom pai seria o jardineiro,
Atento aos maus tempos e geadas!*

*E pelas mãos da mãe acarinhadas,
— Que para a Família é o sol caseiro...
Seriam as crianças qual viveiro
De muitas belas flores acetinadas!*

*Canteiros aos milhares e assim iguais,
— Onde o sopro do Amor fosse fecundo...
E despontassem nobres ideais!*

*Num tempo de incertezas, tão profundo,
Seriam tais famílias os sinais
Do amor, para um novo belo Mundo.*

FLORINDA ALMEIDA



REIMELI

EQUIPAMOS HOJE AS GARAGENS DE AMANHÃ

ALTA TECNOLOGIA · ASSISTÊNCIA TÉCNICA
APROVEITE O CRÉDITO REIMELI/LEASINVEST



ELEVADORES 2 COLUNAS



LAVAGEM AUTOMÁTICA



ELEVADORES 4 COLUNAS



LAVAGEM ALTA PRESSÃO



TESTE DE TRAVÕES

Visite as nossas Exposições

REIMELI

PORTO — RUA 5 DE OUTUBRO, 212 — TEL. 60 91 018 - 60 83 748 — FAX 66 73 85
LISBOA — RUA ANDRÉ GOUVEIA, LOTE 1893 — TEL. 759 72 04 — FAX 7567206

O Enforcado!...

Eram duas horas da madrugada... Manhã pardacenta adivinhando dia chuvoso.

José da Segada, já de pé, preparava as vacas e dois vitelos para a enorme caminhada que tinha de fazer de Barroelas até Viana do Castelo.

Era dia de feira e precisava de vender as vacas e os vitelos. As vacas estavam velhas. Já com meio caminho andado, ouve gritos de alguém que sofre. Apura o ouvido. Agora os gemidos vêm do seu lado esquerdo, da berma da estrada. Atira para o chão a enorme vara que trazia para encaminhar o gado e, num gesto de humanidade, corre para um homem que se encontra prostrado. Tenta levantá-lo, mas não consegue. Sofre um arrepio ao lembrar-se que pode ser acusado de crime. Tenta sair, mas fica preso por uma perna, ou melhor, pela calça que era de sorobeco e já muito velha. Tanto puxou que esta rompeu e o moribundo ficou com um pouco de pano na mão.

Sentindo-se libertado, agarrou na vara e correu para alcançar o gado que se tinha distanciado. Quando regressou a casa, contou à esposa o que lhe tinha acontecido...

Passados dias, dois guardas batem-lhe à porta, fazem uma busca sumária à casa e logo encontram as calças. Levam então o José da Segada, preso, para a cadeia de Viana do Castelo. É julgado e condenado à morte por enforcamento.

Decorridos dois meses, o verdadeiro criminoso procurou um padre e confessou que fôra ele o assassino e que o José da Segada era inocente.

Agora digo eu: mil vezes não à pena de morte!

Até porque um crime não justifica outro crime...

Diz Forjas Sampaio:

«Que prostituta está sentada àquela esquina? A leil!»

Jazem pelas cadeias do mundo milhares de presos inocentes.

Graças a Deus que em Portugal deixou de existir este cancro social. Por tal motivo custa-me a compreender, como pôde ser executada uma portuguesa em Singapura.

Em mil novecentos e oitenta aproximadamente, Esposende foi alertada por um crime praticado na freguesia de Forjães. Logo constatou que a esposa do assassinado (Brochado) tinha mandado vir o melhor detective português (Custódio das Dores), para descobrir o assassino e dois dias depois após o crime aparece à porta do Tribunal, um automóvel com o detective, trazendo a seu lado o suposto assassino algemado. Subiram as escadas e entraram na sala do Tribunal. Logo que entraram, a porta fechou-se.

Eu, ainda miúdo, fui pôr o olho junto à fechadura. Via e escutava tudo que dentro se passava. O detective deu uma grande bofetada ao homem dizendo: «Confessa criminoso!» O homem chorando e gritando, dizia: «Eu estou inocente...»

As bofetadas e chicotadas repetiram-se durante dias. Ao terceiro os jornais, em grandes letras, diziam: «O grande detective Custódio das Dores acaba de descobrir em Esposende o criminoso que matou o Brochado».

O Serra, assim se chamava o suposto assassino, foi julgado no Tribunal de Esposende e condenado a vinte anos de prisão.

Passaram dois anos e o pobre do Serra sempre gritava na cadeia que estava inocente.

Entretanto a Guarda Republicana de Esposende prende um homem que era criado do verdadeiro criminoso. denuncia o patrão que confessa ter matado o Brochado, porque ele lhe marata dois cães...

As conclusões tire-as o leitor...

ANTÓNIO AGONIA PEREIRA

S.I.G.C.

PRÉMIOS E SUBSÍDIOS DATAS DE CANDIDATURA PARA 1995

De 16 de Janeiro a 28 de Fevereiro

- Prémio aos produtores Ovinos e Caprinos.
- Prémios aos produtores Bovinos Carne, 2 período.
- Culturas arvenses (milho).
- Ajuda co-financiada aos produtores portugueses de cereias Outono-Inverno e Primavera-Verão.

De 1 de Julho a 31 de Agosto

- Ajuda a manutenção de vacas aleitantes.

De 1 de Julho a 15 de Agosto

- Bovinos de Carne, 2 período.

Se és bairrista utiliza o banco local
Se és bairrista usa o Correio da terra
Se és bairrista faz as compras em Fão

O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva
Maria Emília Corte-Real
Tia Mariquinhas
Fernando de Almeida
Cecília de Amorim
Dinis de Vilarelho
José Ramos da Silva
A. Ramos Assunção
Quim de Fão
Agonia Pereira
João Pedras
Carlos Mariz
Marta Mariz Mendes
José Maria Machado do Vale

PROPRIEDADE:
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
R. de Cima n.º 5 - Fão
Telefones 961475 - 962150

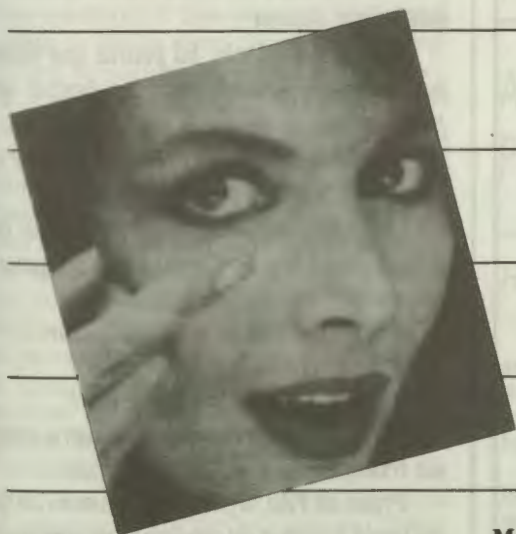
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
BINOGRÁFICA
Praça João XXIII - Telef. 684318
PÓVOA DE VARZIM

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

Óptica Oliveira

ALEIXO FERREIRA, LDA.



• ÓPTICA
MÉDICA

• LENTES DE
CONTACTO

• APARELHOS
DE PRECISÃO

GABINETE DE OPTOMETRIA
E CONTACTOLOGIA

MARCAÇÃO DE CONSULTAS DE:
OPTALMOLOGIA E OPTOMETRIA

Rua da Misericórdia, 4/6 — Tel. 7 57 77 • 4700 BRAGA

ESPOSENDE/REVISTA OU ESPOSENDE EM REVISTA

Com os cumprimentos do Senhor Presidente da Câmara recebemos a brochura acima citada a que poderemos chamar o órgão oficial da Câmara de Esposende. Não há dúvida que o objectivo pretendido com esta publicação foi atingido em plenitude.

Com efeito, a revista apresenta-se confeccionada com todos os cuidados e com todo o requinte. Procuraram-se para isso os meios mais adequados. A execução gráfica esteve a cargo das Edições Afrontamento do Porto. A impressão e o acabamento processaram-se numa casa da especialidade da vila, aliás da cidade da Vila da Feira. Da parte publicitária encarregou-se a empresa Mediana, também do Porto. Resultado: graficamente, onde se incluem as fotografias, a revista foi bem conseguida. Lembramos aquela foto do pôr do sol: um espanto.

Já estamos a ver a careta de alguns munícipes a resmungarem: «gastar tanto dinheiro para quê?» Somos tentados a afirmar que aquelas 50 páginas não custaram um tusto à Câmara, apesar de o número de exemplares ter atingido a cifra dos oito mil, o que fez recuar as balizas para as centenas de contos de reis. Não esqueçam que o Presidente é um empresário de sucesso e, como tal, sabe onde se encontra o dinheiro e como ele se obtém: por sua sugestão e com o seu consentimento, cremos, foi-se bater à porta de seis empreiteiros que sem esforço algum preencheram cinco páginas e meia da revista. Isto botou também p'ras centenas de contos, o que deu ela por ela.

Depois o recheio da publicação esteve à medida do seu editor: uma entrevista bem conduzida com o Presidente onde este exponencia toda a obra realizada, e a realizar, de onde se destacam a excelência das prioridades, os quantitativos atingidos, o bom relacionamento com os centros decisores, tanto de cá como da estranja, a cobertura sócio-económica realizada, as infra-estruturas programadas, uma prometida erradicação das manchas de pobreza, tudo isto a fazer concluir que «*hoje somos um concelho respeitado, somos olhados de uma maneira diferente em todos os sectores.*»

Mas há mais: um poema em prosa que tem por título «*assim nasceu um concelho*»; uma alusão à festa de S. Bartolomeu do Mar, outro cântico de glória à marginal que ficará, sem dúvida, como a menina dos olhos de Alberto Figueiredo; e mais a notícia sobre a recuperação das casas degradadas, a acção desenvolvida pelo Gabinete Técnico Local e, no âmbito deste, um inteligente e bem fundamentado estudo sobre o núcleo histórico de Fão, da autoria de Tereza Correia; ainda um encontro com a artista Maria Irene Ri-

beiro, «um nome de esposende, uma referência no mundo da arte», uma entusiasmante loa em pró de Forjães cujo título «*Forjães mudou: é um facto*», deixa antever o que lá vem escrito, também uma entrevista com o Presidente da Junta de Fão e uma alusão às raízes históricas de Apúlia e ao seu momento actual. Enfim, o concelho escalpelizado a caminho da mudança, ou seja, Esposende em revista.

Não sabemos se o Presidente foi o autor da ideia da brochura. Mas se não foi, temos a certeza, íamos jurar, que terá dito ao seu «*staf*»: «a fazer-se quero uma coisa bem feita». E conseguiu-o, sim senhor. Só que em nosso entender, calçou uma mina: sendo o director de uma publicação, não conseguiu frear o entusiasmo ou o elan dos responsáveis pela maquetização que, em pelo menos sete páginas, deixaram que viesse a sua fotografia. Claro que isto não é pecado nenhum, mas pode parecer excesso de dedicação.

PAGUE A ASSINATURA

Não há dúvidas que o nosso jornal está num sufoco dos diabos. Muito mais de metade dos nossos assinantes não se lembra de pagar a assinatura. A crise também se repercute nos anúncios. Muitos deles desapareceram. Foram mais de 6 no espaço de um ano. Por isso apelamos aos assinantes deste jornal: paguem a assinatura. E mais: tragam um novo assinante.

NOVO PREÇO DA ASSINATURA

Para minorar o prejuízo de «O Novo Fanguero» somos obrigados a subir o preço do jornal para os mil escudos. Quase que toda a gente paga esta importância. É muito difícil ser jornal em terra pequena. Ainda este mês tivemos duas devoluções. Quisemos averiguar o que havia por trás. Num caso, foi um familiar que morreu e o jornal não deu notícia atempada. Noutro foi uma pessoa que sofreu uma operação e «O Novo Fanguero» não registou. É esta a terra que temos e não há nada a fazer.

Lembramos que «O Novo Fanguero» é uma instituição da terra que além do trabalho que dá (já imaginaram o que custa preencher doze páginas?), dá prejuízos que começam a pesar no orçamento doméstico.

PEDRAS QUE FALAM

Por MARIA SALOMÉ

Sou apaixonada pela linguagem falada e escrita. E, de tal maneira o sou, que sinto nas palavras quase uma identidade concreta.

*Para mim, as palavras são seres actua-
tes, às vezes musicais, até.*

*Por exemplo: falo (não digo) Fão e acho,
sinto que monossílabo nasal, identifica e
traduz a bela vila ribeirinha.*

*Fão sabe a mar, a rio, a peixe, a auten-
ticidade.*

*Chega-se aqui e o carisma é algo que se
explica com facilidade.*

*Então os fangueiros são pessoas que se
afastam de todas as outras.*

*Bairristas, frontais, doces, se as coisas
correm de feição e a partir a loiça toda,
quando o cenário vira.*

*Tal como o mar que lbes serviu de berço
e os embla toda uma vida razão séria do
seu amor e seu orgulho.*

Fão: pequenina palavra tão grande!

*Gosto de falar do Fão que conbeço — a
urbe antiga de vielas onde ninguém se po-
derá perder.*

*Depois, gosto muito de apreciar os chei-
ros das terras. É que cada uma tem o seu
cheiro próprio, isto é a sua sensibilidade.
Sensual e doce, Fão enche-me os sentidos e
esta alma cigana.*

*Mas, fiel ao título, há pedras que falam
na memória amontoada de tantos que
partiram.*

*Ando há uns tempos a lembrar-me do
«Cego da praia».*

*Conbecia as moedas e pelo chiar dos
pneus, dizia logo a família que chegava a
veraneio.*

A mim, conbecia-me pelo andar...

E a velha fábrica de serração?

Alguém me elucida sobre isto?

*Mas o Cego era a minha primeira entra-
da triunfal para a época de praia.*

*Praia de Fão, a praia da «ronca» de que
eu tanto gostava de ouvir nas madrugadas
ventosas e cobertas de nevoeiro.*

Mas eu gostava...

*Eu, ou a minha alma cigana, paradoxo
inatingível na cara pálida de uma menina
que sempre vivia para dentro.*